



Redactor: L. R. PEREIRA

Redacção:  
Rua das Janelas Verdes, 32-2.º — LisboaComposição e impressão:  
Emp. Técnica de Tip., Lda. — V. F. Xira

## Editorial

*N*ÃO adormeceu o «Despertar». O entusiasmo dos «neófitos» não fracassou. O Plano de Revigoração da Igreja não faliu. O Movimento continua.

É verdade que o volume pesado das necessidades essenciais das paróquias tem preenchido as horas que os homens da Comissão Executiva vão arrancando aos seus descansos e, tantas vezes, ao tempo do legítimo ganha-pão... que não ganham. É verdade que, tendo os braços peados por trabalhos seculares, não puderam dedicar todas as energias à execução do belo Plano que o Colendo Sinodo lhes confiou.

Mas é verdade, também, que, lançando o Movimento, ele não parou.

Este número do «Despertar» tem o orgulho (inocente orgulho) de apontar o nobre esforço dos leitores leigos que, tão brilhantes frutos já produz na reconstrução da paróquia de Setúbal. Só este grande passo dado no sentido de valorizar o ministério dos leigos, nota tão querida da Reforma, bastava para nos contentar. Mas queremos mais, e Deus, graças lhe sejam tributadas, já fez mais: o Calendário da Igreja continuou a sua publicação, embora, nominalmente, a cargo do Sinodo; o nosso povo, de um modo geral, manifesta uma

maior consciência da identidade da sua Igreja; certas sugestões, como de encontros dos membros das juntas paroquiais de congregações vizinhas, e reuniões missionárias no dia de Santo André, foram abraçadas por todos e tiveram pleno êxito; sente-se um ressurgimento ao interesse pelas Escolas Dominicais; e verifica-se um maior cuidado nos termos dos contactos fraternais e cooperativos com outras parcelas do protestantismo português.

Neste último capítulo, a Comissão Executiva do MoRI foi honrada com a nomeação de três dos seus membros para comporem a delegação luso-católica a uma reunião intereclesiástica que estudará as bases de mais íntimo trabalho entre as igrejas evangélicas portuguesas. Esta nomeação satisfaz-nos tanto, quanto nos dará a oportunidade de expor, em termos práticos, uma verdade sempre muito cara ao nosso coração: o dever de afirmar e defender o carácter específico da Igreja Lusitana, que, se a torna inconfundível no meio protestante português e vincadamente «distinta» dele, não impede, antes facilita um sério e fecundo entendimento com outras igrejas evangélicas.

Apesar de tudo, estamos insatisfeitos: é muita a obra planificada que se não

# O testemunho de dois arcebispos de Cantuária

## WILLIAM TEMPLE

«O CISMA é, sem dúvida, um estado de pecado contrário ao expresso propósito de Deus. Contudo, o Cisma verifica-se dentro da Igreja, o Corpo de Cristo, e não implica separação dele, como acontece com a apostasia e a infidelidade.»

«The Church looks forward», pág. 13

## GEOFFREY FISHER

O Dr. Fisher, Arcebispo de Cantuária, presidiu à 21.<sup>a</sup> sessão do Conselho Britânico das Igrejas que se realizou em Londres a 23 e 24 de Setembro último, a qual coincidiu com o 10.<sup>o</sup> aniversário do Conselho, criado a 23 de Setembro de 1942 e presidido pelo falecido Arcebispo William Temple.

Depois de um breve apanhado retrospectivo acerca do desenvolvimento do Conselho e sua contribuição no domínio das relações intereclesiásticas, o Dr. Fisher disse:

«Não é, evidentemente, em nós próprios, nem entre nós, que reside a unidade que podemos possuir, mas em Cristo e por Ele. Tempos houve em que esta unidade, já existente, era muitas vezes considerada como uma unidade desincarnada, unicamente espiritual, mesmo sentimental e sem raízes. Mas a discussão e os estudos teológicos, a definição das posições respectivas, a descoberta de que as diferenças são ainda mais vincadas do que se pensava, não levaram as Igrejas a compreender que, em pensamento e em acção, esta unidade, que era já sua, não é de maneira nenhuma desincarnada mas que, pelo contrário, está bem no *interior* do corpo de Cristo? Não estão elas prontas hoje a dizer que a Santa Igreja Católica

*realizou; imenso o que temos à nossa frente; aflitivamente diminutos as forças alinhadas para o combate.*

*Todavia, como a batalha é do Senhor da Igreja — corações ao alto!*

*Daniel de Pina Cabral*

abraça aqueles que foram baptizados, e todos os grupos constituídos por baptizados, e que seja qual for o erro, imperfeição ou mesmo o escândalo que nós possamos representar uns para os outros, as nossas próprias divisões se inscrevem no íntimo da Santa Igreja universal e não fora dela?

O carácter e o assunto das recentes discussões de Lund, só foram possíveis porque todos os participantes eram membros da família e do corpo de Cristo, e falavam a linguagem do Espírito Santo.

As relações intereclesiásticas que de facto existem, mesmo aquelas que não têm senão bases financeiras ou de cortesia, são possíveis porque são relações de família, no seio do Corpo de Cristo. Reconhecer esta unidade como uma unidade teológica, e reconhecer toda a sua força, permite desimpedir o caminho e avançar.

Se, na verdade, as nossas diferenças são de ordem teológica, e coisa mais importante ainda — se a nossa unidade é teológica, se ambas se inscrevem no interior da Igreja de Cristo, então daí resulta uma força e uma inspiração novas para o Conselho Britânico das Igrejas, seu trabalho e seu testemunho. Porque as Igrejas que o Conselho pretende servir não procuram vitórias sobre adversários, mas a reconciliação entre irmãos numa mesma família, no seio do Corpo que Cristo tomou para si. E se é conhecido de todos, que as questões de família são longas e amargas, tal não é mais o caso, quando o Chefe da Família é Jesus Cristo, e todos estão ligados a Ele, em fidelidade e verdade, em culto e ardente desejo de servir.

Como se passa do Te Deum ao Credo, assim devemos passar da acção de graças, por aquilo que já pudemos conseguir, para a expansão do reino de Cristo, dando testemunho d'Ele, num mundo de trevas, pela profissão desta Fé que faz de nós os membros da Igreja de Cristo...»

(Do «Service Œcumenique de Presse et d'Information» de 3/10/52)

# Catolicismo e Protestantismo

*Com este título, publicou-se e distribuiu-se largamente em Setúbal, um panfleto assinado por «Ignotus» em que abundam as inexactidões e dislates do costume contra os seguidores dos princípios evangélicos.*

*Da «resposta», escrita por um dos nossos presbíteros, transcrevemos o que segue :*

O folhetosito do nosso Ignotus, não vale nada, é claro, como obra de controvérsia. Tem, porém, este triste valor: É um sintoma do atraso em que ficou a mentalidade da maioria dos católicos romanos portugueses, ainda completamente dominada por conceitos e preconceitos que seriam desculpáveis há um século, mas que hoje já não são de forma alguma admissíveis. Inspira compaixão por exemplo, a ignorância (porque não queremos admitir que haja má fé) com que se afirma que, para os Cristãos Evangélicos, «basta ter fé para alcançar a salvação, ainda que pratiquemos todos os pecados.» Temos boas razões para crer que Ignotus conhece fiéis da Igreja Lusitana. Com toda a facilidade podia ter examinado a nossa Liturgia (*lex orandi, lex credendi*) que de resto em geral traz também os nossos Artigos de Fé. Não seria necessária uma prolongada investigação para verificar que a nossa posição está longe de ser o que ele insinúa.

Decerto que cremos que «A oblação de Cristo, (i. e. o sacrificio de Cristo na Cruz) uma vez feita, é a completa redenção, propiciação e satisfação de todos os pecados e que nenhuma outra satisfação há para os pecados senão unicamente esta» (Art. XXXI); e também que «Somos considerados justos perante Deus somente pelos merecimentos de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo mediante a fé e não por

nossas próprias obras e méritos» (Art. XI). Mas também não é menos verdadeiro ser nosso ensino que «sem santificação ninguém verá o Senhor». Sempre que os nossos Presbíteros proferem a absolvição, proclamam que o perdão divino só é recebido pelos que estão verdadeiramente arrependidos e no propósito sincero de mudarem de vida. Tanto na Eucaristia, como nos Offícios diários, como nos Offícios ocasionais, nunca se deixa de ferir a nota penitencial; nunca deixamos de pedir a Deus graça para nos conservarmos no «caminho estreito» único que conduz à Vida Eterna.

Diz Ignotus que a nossa doutrina é *mais fácil e mais cómoda*. Será? Nós ensinamos que para receber o perdão de Deus, é necessário estar contricto, isto é, ter dor de ter pecado por aquilo que o pecado é em si próprio. A Igreja Romana diz que para a absolvição sacramental ser válida basta que o penitente tenha atrição, ou seja medo das consequências do pecado. De que lado está a *facilidade*?

A Igreja Lusitana, como fazem as outras Igrejas Católicas Reformadas, preceitúa dias chamados «de jejum» em que os fiéis têm o dever grave de praticar actos de renúncia e auto-disciplina, e não concede dispensa deste dever, nem por dinheiro nem por pretexto nenhum. A Igreja Romana por uma quantia relativamente módica isenta os seus fiéis da obrigação de observarem a maioria dos jejuns e abstinências. De que lado está a *comodidade*?

Parece-nos que para ilucidação de Ignotus e de outros que pensam como ele, será útil recordar que a Igreja Lusitana não é uma dessas «pequenas células protestantes que morrem por falta de ambiente propício» como ele diz com ares superiores. É uma IGREJA NACIONAL restaurada por Presbíteros e leigos católicos romanos *portugueses*, que, no sé-

culo passado, abandonaram a Comunhão Romana, mas, como muitas vezes se tem dito, não quiseram deixar a Igreja Católica. Como ramo genuíno pois da Igreja Católica, ela expressa a sua fé com as palavras dos velhos Credos católicos; guarda fielmente os Sacramentos, nos quais vê, não simples símbolos, mas sim instrumentos e sinais eficazes de graça; e apenas reconhece como regular, o ministério devidamente ordenado por Bispos com autoridade apostólica histórica. Ela é, porém, uma Igreja Católica EVANGÉLICA, isto é, se por um lado dá toda a importância à continuidade histórica, não dá menos valor à pureza e à antiguidade da doutrina. Por esse motivo, e à semelhança da Igreja primitiva, ela não aceita a supremacia do Papa, a doutrina do Purgatório, a obrigatoriedade da confissão auricular e do celibato clerical, o uso de uma língua estranha no culto e tantas outras acréscos e deturpações, condenáveis à luz da Palavra de Deus, a Bíblia, sua suprema regra de fé e de costumes, que ela interpreta, não por um juízo privado arbitrário, mas segundo o consenso universal da Igreja indivisa dos primeiros séculos.

Apesar de certas aparências, a situação religiosa do nosso povo é deplorável. Como escrevia no «Diário de Lisboa», há meses, o Dr. Fausto L. de Carvalho: «...a pouco e pouco as massas populares deixaram de adorar Cristo com a intensidade de outros tempos, orientando, agora, a sua fé para a Virgem e para determinados Santos ou Patronos. Caminha-se sem querer para um perigoso politeísmo pagão...»

Sacerdotes Católicos Romanos, inteligentes, honestos e corajosos, não têm duvidado denunciar no púlpito e na imprensa, a ignorância religiosa, a superstição e o snobismo da maioria dos que enchem os templos.

Mas afinal porque se chegou a esta situação?

Porque a piedade dos tempos apostólicos, viril e esclarecida, baseada na convicção pessoal inteligente, e na experiência espiritual e comunhão sacramental do *Cristo vivo*, foi substituída pela piedade

rotineira e mórbida das novenas, das coroinhas, das relíquias, dos escapulários, das invocações especializadas, as quais eclipsaram, do horizonte espiritual dos fiéis, desnorreados por tantos «senhores» e «senhoras», o Cristo real, o Cristo dos Evangelhos, o Cristo Filho de Deus Vivo. Bem pode o nosso irmão da Comunhão Romana, em certos momentos, dizer como Maria Madalena: «Levaram o meu Senhor e não sei onde O puseram». E' esse *Cristo vivo*, que morreu para nos redimir, e que «pode salvar perfeitamente os que por Ele se chegam a Deus» (Ep. aos Heb. c. 7 v. 25) que a Igreja Lusitana quer que todos conheçam, quer pelo Ministério da Palavra, proclamação autorizada do Seu Amor, quer pelo Ministério dos Sacramentos, penhores e sinais certos da Sua graça e presença, quer pela própria Igreja, que é a expressão visível do Seu Corpo místico.

PRESBYTERUS LUSITANUS

---

## O MÉDICO AMADO

**Z**EM sido nosso hábito, procurar associar cada número deste Boletim, com uma comemoração litúrgica. Assim, o presente número sai sob a égide de S. Lucas, o «médico amado», como lhe chamava S. Paulo.

S. Lucas é uma das grandes figuras do Novo Testamento, tanto maior quanto menos proeminente. Uma das excelências do seu carácter, que ressalta da narrativa inspirada, é a perseverança com que sempre se houve na Obra de Deus, apesar de todas as dificuldades. Companheiro de S. Paulo, ao seu lado nos dias aflitivos daquela viagem tormentosa em que por pouco não perderam a vida, quando, em cadeias, viajava para Roma, também não o abandonou depois, ali, quando todos os demais o deixaram (2 Tim. 4:11).

Aqueles que tomamos a peito a **Revisão da Igreja**, temos de aprender com S. Lucas, a perseverarmos no nosso posto, a despeito de todas as dificuldades, desapontamentos e deserções. Continuemos a orar com fervor e a trabalhar com disciplina! O nosso esforço não será vão no Senhor.